

A HISTÓRIA COMO COLAGEM NAS TESES SOBRE A HISTÓRIA DE WALTER BENJAMIN



<https://doi.org/10.56238/arev7n4-301>

Data de submissão: 30/03/2025

Data de Publicação: 30/04/2025

Dr. Lidnei Ventura
(UDESC)

Dra. Roselaine Ripa
(UDESC)

RESUMO

O presente trabalho deriva de uma pesquisa mais ampla intitulada “Nexos entre a Formação Docente e a Cultura Digital: Atualidades Da Teoria Crítica Da Sociedade” que tem como um dos objetivos investigar as contribuições de Walter Benjamin (WB) para a compreensão da crise da educação contemporânea. Neste recorte, abordamos um dos ensaios mais enigmáticos e herméticos do autor, as Teses sobre o conceito da história, de 1940. Tal hermetismo, por contradição dialética, visa e se abre ao desconhecido, sobretudo pela insatisfação do autor diante das interpretações naturalistas e evolucionistas da história, reféns da noção de progresso do historicismo e do materialismo vulgar. No lugar de visões fechadas da odisseia humana no mundo, WB embaralha cartas do materialismo dialético e arcanos da teologia judaica para advogar uma história do desconhecido, dos detalhes, dos cacos e dos restos da produção humana como peças da composição do tempo histórico. Na esteira de Freud, defende que a função do investigador é trazer a lume o que está submerso no iceberg da consciência do ser em si e da história, colando pacientemente cada peça do mosaico de modo a montar uma imagem dialética da história, “que passa voando”. Tal como Freud, em quem se inspirou várias ocasiões, se preocupa com as migalhas de significados de cada evento ‘menor’ e “insignificante”, principalmente com a manifestação de vozes vulgarmente sursurpiadas e negligenciadas da história. Nessa abordagem, há uma sensível preocupação ética e reparadora do processo rememorativo individual e coletivo que valoriza o não dito, o estranho, as vozes oprimidas e silenciadas, cabendo ao Anjo da História para recolhê-las, apesar da tempestade que sopra do paraíso.

Palavras-chave: Conceito da História. Teses. Walter Benjamin. Memória e reparação.

1 INTRODUÇÃO

No outono de 1919, Freud publicou um artigo que o próprio título por si só inusitado, “Das Unheimliche”, normalmente traduzido por “O Estranho”, mas é possível pensar que outra boa tradução seria “assustador”, afinal, o autor parece tratar justamente daquilo que, no inconsciente, nos assusta na medida em que há um contínuo retorno do recaiado. Apesar da impalatável digressão da palavra “Unheimliche” em alemão e outros idiomas, o projeto do artigo se revela conceitualmente já no seu começo, ou seja, “o estranho é aquela categoria do assustador que remete ao que é conhecido, de velho, e há muito familiar” (Freud, 1925, n/p). Contraditoriamente, o criador da psicanálise atribui um sentido totalmente diverso do que é estranho, isto é, o assustador está ligado ao familiar. Essa dialética do estranho-familiar permite ao autor inferir que nossos maiores medos derivam de algo familiar, porém, não à luz do dia, mas nos cantos escuros do inconsciente. Vem daí a função investigativa da psicanálise, escavar o lado sombrio de familiaridades recalçadas e “esquecidas” que tensionam e, até mesmo condicionam, em boa medida, a vida presente do sujeito, cobrando o seu retorno.

Há nesse projeto freudiano uma similaridade explícita com as concepções benjaminianas da pesquisa como escavação, como a retirada de camadas de significados quase sempre estranhos e familiares ao sujeito e à história. Em ambos, podemos identificar também um compromisso ético com uma certa reparação, um acerto de contas do sujeito consigo mesmo e do historiador com o processo histórico. Para lembrar, os dois autores são judeus - ainda que não praticantes da tradição religiosa judaica - e a ideia de reparação geral da humanidade é algo que permanece latente nos seus escritos. Enquanto Benjamin aposta na junção dos cacos da história, ou se quiser, uma montagem da história feita a partir de cacos de significados, Freud procurar juntar os cacos de tensões e emoções assustadoras cujas energias o consciente não pode suportar e remeteu para o fundo da memória, sendo rearranjados no processo analítico. Parece notório aqui que, conscientes desse processo ou não, os autores se remetem à lenda tamúldica do *Tikun*, pois nela, a retificação ou reparação consiste na busca pelos cacos (klifót) dos vasos quebrados que não puderam conter a essência divina. Segundo Capani (2011, p. 147) a doutrina luriana do Tikun prevê dois tipos de retificação ou reparação: “[...] tikun há-olam e tikunhá-neshamá. O primeiro refere-se à retificação do mundo e o segundo à retificação do indivíduo, mas ambos os processos estão relacionados”.

Ao que parece, a proposta dos dois autores é buscar o estranho, o assustador na ontogênese do sujeito e na filogênese do processo de humanização. Nesse breve trabalho, vamos nos ocupar tão somente com a investida benjaminiana de procurar o estranho, o contorcido, o bizarro, que está na base da história, quase sempre negligenciado pela história “oficial”. Sempre que possível, remeteremos às

influências freudianas nas ideias de Walter Benjamin (WB) e inusitadas conversões de tais ideias para compreensão da crise da educação brasileira contemporânea.

2 O ESTRANHO E ASSUSTADOR ANJO DA HISTÓRIA

“E esse inimigo não tem cessado de vencer” (WB)

Como se sabe, WB é por muitos caracterizado como um autor multímido, não só pelos seus múltiplos interesses de pesquisa, mas por sua notável erudição. Dá no que pensar sobre o seu interesse numa aquarela montada a partir de rabiscos informes, que Paul Klee chamou de *Angelus Novus*. O tal anjo, como se pode ver na figura abaixo, nada tem em comum com os anjos clássicos, principalmente da renascença ou com representações angelicais familiares. Reparemos: é um anjo estranho, para não dizer bizarro.



Fonte: https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Klee,_Angelus_novus.png

É justamente aí que se juntam de novo Freud e Benjamin, porque a estranheza do anjo o torna familiar. Esse anjo bizarro conduz a alegoria das Teses sobre o Conceito da História [Teses], de 1940. São muitas as asserções do autor ao anjo deformado de Klee, em remissão à própria narrativa oficial da história, que a deforma. Vejamos algumas delas na descrição da Tese 9:

Há um quadro de Klee que se chama *Angelus Novus*. Representa um anjo que parece querer afastar-se de algo que ele encara fixamente. Seus olhos estão escancarados, sua boca dilatada, suas asas abertas. O anjo da história deve ter esse aspecto. Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. Essa tempestade é o que chamamos progresso. (Benjamin, 2012, p. 245-246).

Vê-se nessa descrição muito do que Freud relatou de seus pacientes em estado de torpor, alucinação e epilepsia quando se deparavam com os motivos de seus traumas: olhar vago e escancarado, a boca dilatada e asas abertas que miram uma catástrofe única. Esse anjo torto, para o autor, é a face da história, assim como os tiques, chistes e atos-falho são a face da história do sujeito neurótico. Novamente aqui Freud acerta em afirmar a estranha dialética entre o aterrador e o familiar. A tempestade do progresso é o trágico que se tornou familiar. O holocausto e a bomba atômica representam grandes tempestades vindas do paraíso infernal que elevaram um monte de escombros até o céu; literalmente, até o céu, seja pela Rosa de Hiroshima ou pelas cinzas dos incinerados nos fornos dos campos de concentração nazistas. O monstruoso monumento de Auschwitz amontoou mais de 5 milhões de corpos, enquanto a tempestade radioativa pulverizou e enterrou mais de duas centenas de milhares de vidas. Ambas as tempestades foram anunciadas na “profecia” do Anjo da História, de Benjamin, pois o “inimigo não cessado de vencer”. Tais monumentos erguidos à catástrofe, em nome da razão instrumental e do progresso, desafiam o pesquisador a tecer fios de memórias e a recolher os fragmentos, os cacos das vidas ceifadas, mas não como contemplação de grandes heróis ou líderes, macropolíticas ou as relações de causalidade de determinismos econômicos; e sim montando as peças do mosaico da vida comum.

As Teses sobre o conceito da História, de WB, escritas pouco antes da sua morte na fronteira entre a Espanha e a França, em 1940, é uma das últimas grandes contribuições político-filosóficas de um dos autores mais influentes do século XX. Trata-se de uma obra de inesgotáveis mediações, tornando-se ao mesmo tempo um cânone não ortodoxo dedicado ao método de investigação da história e um monumento à memória dos esquecidos da tradição oficial. Escritas sob o impacto do acordo de não agressão Hitler-Stálin, em 1939, as Teses são um prenúncio da barbárie que seguiria no decurso da Segunda Guerra Mundial. As preocupações de Benjamin situam-se no contexto de um perigo iminente em função do aumento da escalada da violência e da beligerância que adviria de tal pacto, a partir da colaboração das duas polícias secretas mais temidas da Europa (Arendt, 2008).

Como intérprete atento e ocular, Benjamin não colocou título no esboço das Teses, pois não estava destinado à publicação. Preocupado com a repercussão negativa do trabalho, em carta à Gretel

Adorno, recomenda: “Não preciso te dizer que nem de longe penso na publicação destes apontamentos, e muito menos na forma em que os mando. Iriam abrir todas as portas aos mais inflamados equívocos.” (BARRENTO, 2013, p. 169). Após a morte Benjamin, Gretel e Adorno cuidaram da publicação do material no número especial da Revista de Investigação Social, em 1942, dedicado à memória do autor. Ainda segundo Barrento (2013, p. 168): “Existem três versões em datiloscrito, uma sem título e duas outras com títulos diferentes, acrescentados por Gretel Adorno (‘Sobre o conceito da História’) e por Theodor Adorno (‘Reflexões sobre a filosofia da História, por Walter Benjamin’). A versão mais antiga, e a única manuscrita, é um conjunto de nove folhas (que esteve na posse de Hannah Arendt em Nova Iorque) com correções de Benjamin”. Debatendo questões sociais postas no seu tempo, WB evoca metaforicamente a teologia para avisar que a barbárie bate fortemente à porta dizendo: “Em cada época, é preciso tentar arrancar a tradição ao conformismo, que quer se apoderar dela. Pois o Messias não vem apenas como redentor; ele vem também como o vencedor do Anticristo” (2012, p. 244). E, continua, na Tese 6, refletindo sobre a função política do historiador: “O dom de despertar no passado as centelhas da esperança é privilégio exclusivo do historiador convencido de que tampouco os mortos estarão em segurança se o inimigo vencer. E esse inimigo não tem cessado de vencer.” (2012, p. 244). Além disso, realiza inferências teórico-metodológicas com relação à função política do historiador (materialista) ao se contrapor à historiografia oficial, refém da noção de progresso subsumida à noção de “tempo vazio e homogêneo” (Benjamin, 2012, p. 249). Nesse mesmo contexto, Benjamin denuncia na Tese 10 que mesmo aqueles considerados inimigos do fascismo não somente se aliaram a ele como compartilharam de uma noção idealista de progresso que concebe a história como movimento autônomo. Essas críticas se dirigem tanto aos comunistas russos quanto ao Partido Social-Democrata da Alemanha (SPD), que são acusados de traidores, reafirmando que as reflexões postas nas Teses têm claramente uma intenção de marcar posição em um momento “[...] em que os políticos nos quais os adversários do fascismo tinham depositado as suas esperanças jazem por terra e agravam sua derrota com a traição à sua própria causa” (Benjamin, 2012, p. 247). Nesse ponto, como afirma Löwy (2005, p. 33), as duras críticas das Teses têm em mira “o historicismo conservador, o evolucionismo social-democrata e o marxismo vulgar”.

As Teses traduzem muitas das inquietações de Benjamin ante a ascensão do nazifascismo e do evolucionismo canhestro do stalinismo, pouco depois de terem resfriado as bordas dos canhões da Primeira Guerra Mundial. A retirada das Teses desse contexto de produção muitas vezes pode levar a interpretações obscuras, apesar da orientação metodológica de Benjamin (2012) de que a compreensão da história requer que se arranque à época uma vida determinada, pois só assim “se preserva e transcende (*Aufheben*) na obra o conjunto da obra, no conjunto da obra a época e na época a totalidade

do processo histórico”. Desde sua primeira publicação, em 1942, muito já se disse sobre as Teses e suas contribuições, principalmente para a filosofia da história e outros campos de pesquisa, mas chama atenção uma definição do grande amigo de Benjamin, Gerschom Scholem (1989), dizendo tratar-se de um materialismo que se põe sob a proteção da teologia. De fato, o tom messiânico do texto, e suas categorias advindas da mística judaica pode levar a interpretações como essa. No entanto, parece que o alcance das Teses extrapola interpretações monolíticas e requer um modo de conhecer que leva em conta um olhar “estereoscópico e dimensional” (Benjamin, 2007, p. 500), e que devem ser relacionadas a outros escritos do autor a fim de que se possa extrair delas o invólucro messiânico e fazer surgir uma vasta constelação de significados. Ainda que seja uma sistematização de urgência, provavelmente escrita em 1940, pouco antes da fuga de uma França dominada pelos nazistas e do governo colaboracionista de Vichy, ideias principais já haviam sido anunciadas em outros trabalhos desde os anos de 1920, como fica claro na carta enviada à Gretel Adorno em maio de 1940, tais como o “Fragmento teológico-político”, na resenha “Eduardo Fuchs, colecionador e historiador” e, sobretudo, na pasta “N” das Passagens: “Teoria do conhecimento/Teoria do progresso” (principalmente os fragmentos da Fase tardia, de <N 8, 11> a <N 20>). Quanto à questão do uso da teologia como artifício hermenêutico ou tropo de pensamento, percebe-se que está presente ao longo de toda obra benjaminiana, como atesta a profunda metáfora do mata-borrão do fragmento N7a, 8 das Passagens: “Meu pensamento está para a teologia como o mata-borrão está para tinta. Ele está completamente embebido dela. Mas se fosse pelo mata-borrão, nada restaria do que está escrito” (Benjamin, 2007, p. 513). Vale aqui repetir a visão de Löwy (2005) no importante estudo que faz das herméticas Teses para se ter uma ideia da complexidade da obra e dos diversos recursos imagéticos e tropos de pensamento usados pelo autor, legando à posteridade uma alegoria aberta às mais diversas atribuições de sentido. Diz ele:

As teses ‘Sobre o conceito de história’ (1940) de Walter Benjamin constituem um dos textos filosóficos e políticos mais importantes do século XX. No pensamento revolucionário talvez seja o documento mais significativo desde as ‘Teses sobre Feuerbach’ de Marx. Texto enigmático, alusivo, até mesmo sibilino, seu hermetismo constelado de imagens, de alegorias, de iluminações, semeado de estranhos paradoxos, atravessado por fulgurantes intuições (Löwy, 2005, p. 17).

Partindo dessas discussões, na próxima seção, intentamos converter o conceito de memória ética de Benjamin, enquanto compromisso de reparação histórica dos esquecidos e dos emudecidos pela cultura oficial, para a crise da educação brasileira contemporânea, cujos rastros de barbárie demonstram que a tempestade que sopra do paraíso tende a amontoar opressões e silenciamentos constantes.

3 O ESTRANHO NA CRISE DA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEO

Pelas Teses, podemos perceber uma certa tendência compulsiva da história à repetição. Os amontoados não são mais do que repetição do mesmo, do sempre igual, como se dá também com os neuróticos. Ainda no ensaio sobre “O estranho”, Freud (1925, n/p) sugere uma hipótese interessante:

[...] é possível reconhecer, na mente inconsciente, a predominância de uma ‘compulsão à repetição’, procedente dos impulsos instintuais e provavelmente inerente à própria natureza dos instintos - uma compulsão poderosa o bastante para prevalecer sobre o princípio de prazer, emprestando a determinados aspectos da mente o seu caráter demoníaco, e ainda muito claramente expressa nos impulsos das crianças pequenas; uma compulsão que é responsável, também, por uma parte do rumo tomado pelas análises de pacientes neuróticos.

Convertendo a hipótese freudiana para as Teses, o inconsciente da história também apresenta sua face demoníaca na compulsão pela destruição. Ao fim e ao cabo, como assinalou Benjamin nas Teses (2012, p. 245), “Nunca houve um documento da cultura que não fosse simultaneamente um documento da barbárie”.

Com o que se passou com a história da educação brasileira não foi diferente. Seguindo a linha do pensamento freudo-benjaminiana, há uma verdadeira compulsão ao trágico. Tal tragédia se manifesta não somente pela exclusão dos sujeitos ao processo educativo, formal e não-formal. As milhares de crianças ainda fora da escola ou em escolas precárias assinalam o déficit histórico do Estado brasileiro com a educação. Para não especular muito, alguns dados atestam essa condição compulsiva. A Pnad Contínua¹ informa que em 2022 tínhamos 9,5 milhões de pessoas com 15 anos ou mais que não sabiam ler e escrever. O percentual de pessoas com ensino médio completo é praticamente a metade (52,5%) se contar a população até 25 anos, e o ensino superior não chega a 20% da população. Ainda se considerarmos o investimento efetivo em educação, as ruínas sobem até o céu. Só a partir de 1996, pouco menos de três décadas, que se teve financiamento para a educação infantil e ensino médio. Em que pese o avanço da legislação, que contribuiu para a universalização do ensino fundamental, a compulsão ao trágico não alivia o seu peso, pois educadores, famílias, crianças e jovens permanecem invisíveis quando se fala em produção de política públicas e programas educacionais, afinal, são eles os mais interessados. O tal trem do progresso tem custado a trafegar pelos trilhos da educação nacional. De tragédia em tragédia, chegamos ao século XXI sem nenhuma política pública efetiva de participação dos jovens nas propostas para o ensino médio, assim como para o ensino

¹ Disponível em: [https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2023-06/ibge-revela-desigualdade-no-acesso-educacao-e-queda-no-analfabetismo#:~:text=A%20taxa%20de%20analfabetismo%20no,Geografia%20e%20Estat%C3%ADstica%20\(IBGE\).](https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2023-06/ibge-revela-desigualdade-no-acesso-educacao-e-queda-no-analfabetismo#:~:text=A%20taxa%20de%20analfabetismo%20no,Geografia%20e%20Estat%C3%ADstica%20(IBGE).) Acesso em: dez. 2024.

fundamental. Trancafiados em seus gabinetes, políticos e burocratas pensam a educação e decidem sobre ela sem ter lido ao menos uma linha sobre o assunto.

Enquanto retorno de complexos recalcados, atualmente a Nova Direita tenta por diversos expedientes recolonizar a educação com pautas religiosas, seja retirando de legislações específicas termos como sexualidade e gênero, calando vozes por si já emudecidas no currículo oficial. Novamente, Eros é atacado à luz do dia em nome de Tanatos ou Pulsão de Morte. Aliás, esse é um processo que só vem se acentuando na sociedade industrial, que ao longo dos últimos três séculos só tem feito reprimir a vontade criativa, Eros, em nome do que Marcuse (1975, p. 57) chamou de “mais repressão”. Diz o autor: “Ao introduzirmos o termo mais-repressão focalizamos o nosso exame nas instituições e relações que constituem o ‘corpo’ social do princípio de realidade”.

Enquanto braço da sociedade industrial, coube à escola o importante papel de internalizar um dos principais cânones do princípio de realidade burguês, o controle disciplinar e internalização do complexo de culpa pelo fracasso individual. Ignorado como ser libidinal, alienado de qualquer princípio de prazer, a vida do estudante é um grande rosário de penas impostas e/ou autoimputadas pelo superego civilizatório.

A perspectiva benjaminiana de *escovação* da história a contrapelo poderia colaborar para uma ressignificação do papel da escola, não sendo mais regida pela pulsão de morte, mas por energias libidinais libertadoras. Isso implica em parar, juntar os mortos e os cacos, os fragmentos de prazer e preencher cada cena do tempo vazio e homogêneo da escola com possibilidades reconciliação entre o princípio de prazer e a realidade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na esteira de Freud, WB defende que a função do investigador é trazer a lume o que está submerso no iceberg da consciência do ser em si e da história, colando pacientemente cada peça do mosaico de modo a montar uma imagem dialética da história, “que passa voando”. Tal como o criador da psicanálise, em quem se inspirou várias ocasiões, se preocupa com as migalhas de significados de cada evento “menor” e “insignificante”, principalmente com a manifestação de vozes vulgarmente surrupiadas e negligenciadas da história. Nessa abordagem, há uma sensível preocupação ética e reparadora do processo rememorativo individual e coletivo que valoriza o não dito, o estranho, as vozes oprimidas e silenciadas, cabendo ao Anjo da História parar para recolhê-las, apesar da tempestade que sopra do paraíso.

Agradecimento à FAPESC e à UDESC pelo financiamento desta pesquisa via Edital de Apoio à Infraestrutura para Grupos de Pesquisa da UDESC.

REFERÊNCIAS

ARENDT, H. Homens em tempos sombrios. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BARRENTO, J. Comentários. Sobre o conceito da história. In: BENJAMIN, W. O anjo da história. Tradução de João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

BENJAMIN, W. Passagens. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

BENJAMIN, W. A tarefa do tradutor. In: CASTELO BRANCO, L. (org.). A tarefa do tradutor, de Walter Benjamin: quatro traduções para o português. Belo Horizonte: FAE/UFMG, 2008.

BENJAMIN, W. Obras escolhidas I: magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sérgio P. Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BENJAMIN, W. O anjo da história. Organização e tradução de João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

CAPANI, C. A. Fundamentos da cabala: Sêfer Yetsirá. Pelotas: Editora Universitária/UFPEL, 2011.

FREUD, S. O estranho [Das Unheimliche]. Tradução inglesa: The “Uncanny”. 1925. Disponível em: https://conteudos.wordpress.com/wp-content/uploads/2016/02/ensaio-o-estranho_freud.pdf. Acesso em: 12 dez. 2024.

LÖWY, M. Walter Benjamin: aviso de incêndio. São Paulo: Boitempo, 2005.

MARCUSE, H. Eros e civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

SCHOLEM, G. Walter Benjamin: a história de uma grande amizade. São Paulo: Perspectiva, 1989.